



REVISTA DO MINHO

Para o estudo das
tradições populares

Dirigida por

José da Silva Vieira

SERIE XIV
N.º 20

CANCIONEIRO POPULAR DO BAIXO ALENTEJO

organizado por DIAS NUNES

(Continuação)

DCCCH

Aquella menina
O signal que deu!
Ao voltar da esquina
As palmas bateu.

DCCCHII

A minha mão-sogra
E' uma flôr;
Só basta ella ser
Mãe do meu amôr!

DCCCVI

A paixão, eterna
Em meu peito existe,
De não ver meu bem...
Por isso ando triste!

DCCCVII

Aqui, d'el-rei, peixe frito!
Quem acode a minha sogra,
Que já morrendo engasgada
Com uma talhada d'abobora!

DCCCVIII

A estrella do norte é guia
Dos marinheiros, no mar.
Compraro-te a ti com ella...
Que me fazes variar!

DCCCVIII

As minhas comadres
Todas são Marias;
Umás são calhandras,
Outras cotovias.

DCCCVIII

A varinha d'azambujo
E' pra quem tem mal d'amores...
Depois do amôr curado,
Vae-se o mal, ficam as dôres.

CANTIGAS POPULARES DO MINHO

(Recolhidas em Ponte do Lima)

1

Ai de mim que já não posso
Cantar como já cantei.
Já hebi agua d'amores,
Minha falla demudei.

2

Quero cantar que me mandam,
Não quero ser descortez,
Quero fazer a vontade
A quem a mim nunca a fez.

3

Quem canta seu mal espanta,
Quem chora seu mal augmenta;
Eu canto para espalhar,
A pena que me atormenta

4

O meu cantar é dos tristes,
Ninguem o pode ignorar,
Quantas vezes canta o triste

Com vontade de chorar.

5

Se queres cantar comigo
Desce cá para o terreiro
De cantigas sou eu rico,
Assim fosse de dinheiro.

6

Se eu soubesse o Padre Nosso
Como sei cantar cantigas,
Andava sempre a rezal-o
Por alma das raparigas.

7

Se queres cantar mais,
Canta, canta, rapariga,
Agora não te acompanho
Porque me dóo a barriga.

8

O' tocador do viola
Reponica-me isso bem,
Eu quero cantar cantigas
Como não cantou ninguém.

9

Minha violinha nova,
Feita de pau de colheres,
Toda a vêz que toco n'ella
Faço dançar as mulheres.

10

Minha, violinha nova
Tem um buraco no meio
Que lh'o fizeram os ratos
Cuidando que era centeio.

11

Não canto por bem cantar,
Nem pelo bem que parece,
Canto para aliviar
O meu coração, que padoce.

12

Pensavas que por me rir
Já tu me tinhas na mão,
Eu não sou tão rabaceira
Quo coma a fructa do chão.

13

Loureiro, verde loureiro,
Sêcca seja a tua rama;
Inda sou tão pequenina
Já me queres pôr em fama.

14

Loureiro, verde loureiro,
Loureiro de baga preta,
Da fama ninguém se livra
Ao perigo ninguém se metta.

15

Tendes, loureiro, á porta
Que sombra tão regalada,
Como tendes boa fama
Havéis de ser proeurada.

16

Tua baga, ó loureiro,
Alguem a hade apanhar;
Quem tem o amor que eu tenho

Bem se pôde regalar.

17

Acolá no laranjal
Ha um lindo rouxinol,
Que todos os dias canta
Quando vem nascendo o sol.

18

O rouxinol quando canta
Lá dá o seu assobio,
Tambem as moças solteiras
Não pôdm fallar com brio.

19

Debaixo da Oliveira
E' um regalo amar,
Tem a folha miudinha
Não entra lá o luar.

20

O' alto martyrio roxo
Cobre-me com a tua sombra,
Eu roubei uma menina
Não tenho onde a esconda.

21

Manjaricão da janella,
Bem te podos ir seccando,
Já morreu quem te regava,
Eu já me vou enfadando.

22

O' oliveira do adro
Não assombros a egreja,
No tempo em que nós estamos
Ninguém lôgra o quo deseja.

23

O serpão é miudinho
Eu bom o amiudei;
Desde muito pequenino
Sempre por ti suspirei

24

Eu subi ao castanheiro,
Deixei-o bem varejado
Sempre que a ti me chego
Eu fico enfeitado.

25

Pocegueiro, dá-mo um pocogo
Com a casca avolludada,
Quero dal-o de presente
A' minha bella namorada.

26

O' minha caninha verde
O' bella canna sem lei,
Dá-me a tua liberdade
Que a minha já t'a dei.

27

Entre o trêvo, nasce o trêvo,
Entre o trêvo, nascio a salsa;
Mais vale uma feia firme
Do que uma bonita falsa.

28

Entre a salsa e o coontro
Hei-do dispôr o cebollo;
Mais vale feio engraçado

Que bonito, sendo tolo.

29

Aqui venho, aqui chego
Não faltei ao prometido,
Não quero que me chames
Rapaz vário do sentido.

30

Não cortes a videirinha
Que sobe pela janella,
E' a escada do amor
Que sobe e desce por ella.

31

Cortei o bico a rola
A espiga ao centeio.
Quem tem o amor bonito
Ri-se de quem o tem feio.

32

Não te encostes ao loureiro,
E' verdade, pôde quebrar,
Encosta-te aqui a meu peito,
Que te has-de regalar.

33

Minha mãe, quando me ralha
Faz abanar o canigo,
Diz que lho arrange uma nõra,
Eu ando cuidando n'isso.

34

Minha mãe, cazou-me em maio
Minha sogra, não tem pão,
Dóe-me a barriga com fome
Oh! que dôr de coração.

35

Chamaste-me cereijinha,
Não me desprezo do nome,
A cereja bem madura
Qualquer fidalgo a come,

36

Chamaste-me trigueirinha
Eu não me escandalizei,
Trigueirinha é a pimenta
E vae á meza d'El-rei.

37

Eu fui a mais desgraçada
Das filhas de minha mãe,
Todas teem a quem se cheguem
Só eu não tenho ninguem.

38

Minha maçã vermelhinha,
Colhida no mez d'Outomno,
E' grande cegueira minha
Amar a quem já tem dono.

39

O' menina da janella
De collete côr d'anil,
Desça abaixo, dar-lhe-hei
Só de beijos, mais de mil.

40

Queres saber ó menina
Quaes são os meus desejos?
Era abraçar-me contigo

E dar-te mais de mil beijos.

41

Móro á beira do rio
Meu sustento são peixinhos;
Ai! Jesus que vida a minha
Dar abraços e beijinhos.

42

Que passarinho é aquelle
Que no ar faz ameaças,
Com o bico péde beijos
Com as azas péde abraços?

43

Quem acode á canua verde
Que se parte aos bocadinhos,
Quom acode aos namorados
Que se matam com beijinhos

44

Algum dia era eu
Das moças santo Antoninho,
Davam beijos e abraços
De esmola ao seu santinho.

45

Dá-me da pera madura,
Da maçã um bocadinho,
D'esses braços, um abraço,
D'esse bocca, um beijinho.

46

Tenho fome, tenho sede,
Não é de pão nem de vinho,
Tenha fome d'um abraço
Tenho sede d'um beijinho.

47

Tanto limão, tanta lima,
Tanta laranja no chão,
Tanta menina bonita,
Nenhuma na minha mão.

48

Quando te vejo, menina,
Com essa roca á cinta,
Se te chamar uma fada
Não julgues que eu te minta.

49

Quem me dera, ó menina,
Que eu te podesse dar
Uma casa ao pé da minha,
Onde tu foras morar.

50

Atirei com uma azeitona
A' menina da janella
Azeitona cahio dentro
A menina quem a dera.

51

Não chores, menina, não,
Que o chorar estraga a vista,
Se algum dia te eu faltar
Não faltará quem te assista.

52

Tuas moiguices, menina,
Valem mais de um milhão,
Ellas tocam, ellas chegam,

Ao fundo do coração.

53

Os teus olhos, ó menina,
Que tão fagueirinhos são,
Logo á primeira vista
Prenderam meu coração.

54

Castanheiro, faz-me sombra
Que eu abato do calor;
Quem dera dormir um semno
Nos braços do meu amor.

55

As cortadeiras da herva
Vão aos grellos ao nabal,
Já não ha santo nem santa
Que as deixe ficar mal.

56

Eu hontem fui ao moinho
Com trez quartos do centoio,
Dei um beijo na moleira
Logo trouxe alqueire e meio.

57

Eu hontem foi ao moinho
Escorreguei cahi lá dentro,
Trouxe farinha no bolso
Para fazer o fermento.

58

Tenho-te dito mil vezes:
«Rapaz não sejas garoto»
Andas cobrando má fama
Dando mans tratos ao corpo.

59

Disseste que me não querias
Porque eu era desordeiro,
Aqui me tens a teus pés
Mansinho como um cordeiro.

60

Passei pela tua porta,
Escutei, não te ouvi
Divisei teu pae ao longo
Dei ás gambias e fugi.

61

Não rondes á minha porta
Nem de noite nem de dia,
Eu não sou santo nem santa
A quem faças romaria.

62

Aquella menina cuida
Que não ha outra no mundo,
Não é o poço tão alto
Que se lhe não veja o fundo.

63

O' que pinheiro tão alto
Virado para a Galliza,
Quem me dera esta noute
Ver-te em fralda de camisa.

64

Olha como do ouriço
Espreita a linda castanha;
Dizes que namoro outra,

O' que mentira tamanha.

65

Parece-me inda estar vendo
Aquella noute de verão,
Em que fizemos a troca
Do meu pelo teu coração.

66

Amei-te, tenho-te amado
Confesso minha fraqueza,
Não foi só culpa minha
Foi tambem da natureza.

67

Amei sem considerar
Que tinha de padecer
Agora estou penando
Meu regalo é morrer.

68

Eu amar-te e a querer-te
Tu a fugires de mim,
Deus te dá de penitencia
Penas que não tonham fim.

69

Quem diz que o amor enfada
E' certo que nunca amou,
Eu amo e sou amado
Nunca o amar m'enfadou.

70

Quebrei a casca à noz
Parti-a, tirei-lhe o grão,
Tambem tu, sem me partires
Me tiraste o coração.

71

Alma, vida e coração
Já tudo te entreguei,
Tens tudo quanto me anima
Como sem ti viverei?

72

Triste sou triste me vejo,
Sem a tua companhia,
Tão triste, que nem me lembra
Se alegre fui algum dia.

73

No instante em que te vi
Abandonou-me a razão,
Ficando preza a minh'alma
Nas cadeias da paixão.

74

Estou prezo e bem prezo,
Esta prisão eu venero,
Preso ao teu coração
Melhor prisão eu não quero.

75

Tuas graças me veneram,
E teu engraçado modinho,
Faz a tua escriptura
Eu serci teu amorzinho.

(Continúa)